



Dos seres da palavra e do encantamento, que narrativas e que jornalismo(s)?¹

Angelita Pereira de Lima²
Nilton José dos Reis Rocha³
Aparecida Costa Reis⁴
Lucas Afonso de Souza⁵

Aldeinha, no Kuluene e no coração da terra awue/xavante, no mato grosso. As entrevistas seguem no meio do campo, gramado. Os velhos, pintados, falam ao centro. Noutro círculo, os jovens ouvem, calados. Nas extremidades, as mulheres e crianças, que correm e riem desenfreados. De repente, Abgail rompe o cerco, quase invisível, toma o microfone e diz à câmera e todos que escutam:

Sei que não posso falar. A tradição me proíbe, mas sou filha de Apowen, um grande guerreiro. Então, eu vou falar. E vejo que a maioria dos jornalistas, que chega aqui na aldeia, são mulheres. Então, eu vou falar. E, a exemplo da sociedade de vocês, os homens não estão dando conta de resolver os problemas. Então, temos que tomar o poder” (U KURURU, 1988, p.9).

Esse depoimento imortalizado no jornal laboratório da UFG, mostra a força do jornalismo atravessado por narrativas vivas. A proposta desta reflexão carrega no seu bojo a vontade de pensar o jornalismo para além dos limites que, tanto a teoria como o capital, estabeleceram. Que a rubrica do jornalismo possa entrar na ciranda da vida e de

¹ Trabalho apresentado no GT 13 – Jornalismo e narrativas do sul global: vozes e temas emergentes

² Professora da UFG, graduada em Jornalismo, mestre em Educação, doutora em Geografia / UFG. Contato: angelitalimaufg@gmail.com.

³ Professor da UFG, graduado em Jornalismo, doutorando do Centro de Estudos da Universidade de Coimbra. Contato: niltin.rocha@gmail.com.

⁴ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás. Contato: cidabrtcc@gmail.com

⁵ Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás. Contato: lucasafonsosouza@hotmail.com



seus movimentos sociais e, assim, o ato de narrar não esteja restrito a algumas esferas do mundo e a alguns sujeitos em que apenas suas narrativas estão ou são legitimadas.

Muito mais que isto, como diria Jesus Galindo, é preciso superar o fazer antiquado de um “jornalismo do século XIX, com tecnologia do século XXI” (CÁCERES, 2004, p.221). Trazer o jornalismo para este século significaria mais que apenas o desejo de uma democracia simbólica e política, mas a também a construção coletiva desse campo de forma horizontal e compartilhada.

E foi, assim, que o coletivo e laboratório *Magnifica Mundi*, do curso de jornalismo, se constituíram, como herdeiros das práticas comunitárias universidade, dos movimentos sociais, da Cooperativa de jornalistas profissionais de Goiás (1980), como esferas articuladoras da reflexão e de outras práticas de comunicação e jornalismo, estabelecendo, desta maneira, a estranha combinação entre culturas populares e tecnologia de ponta na co-organização e co-gestão de sistemas e processos de comunicação talvez mais libertários.

Uma aliança rebelde na produção e distribuição de sentidos: informação, bens culturais e conhecimentos se constituem nessas esferas que, ao mesmo tempo, são de intervenção e disputas. Não por acaso, Dussel (1978) alerta que a burguesia tenha se especializado, antes de tudo, na apropriação da mais valia simbólica da humanidade. E, assim, as coisas invisíveis ficaram com a responsabilidade de justificar as coisas visíveis (SANTOS, 2008). Na resposta, o jornalismo como esfera e tarefa coletivas de narrar o mundo, porque todos são capazes (RANCIÈRE, 2002).

Graças a esta trajetória de contramão, a *Magnifica Mundi*, nos seus 16 anos de existência, conseguiu, entre avanços e recuos, se constituir não só como um ambiente de acolhimento dos diferentes e de suas diferenças, mas, também, em espaço de reinvenção das práticas pedagógicas no aprendizado do jornalismo, de métodos de trabalho e vida compartilhados e, também, de outras perspectivas epistêmicas que dessem conta de compreender, pensar e construir outras narrativas, coletivas, para explicar o mundo e o lugar onde se vive e de onde se fala.



Mais que práticas de extensão e de jornalismo cotidiano, um estar e um atuar no mundo. Assim, depois de uma webtv e uma webrádio, o laboratório cria a revista *Becos Comunicantes*, a agência de notícias *Moara* e chega ao *Portal Berra Lobo – de jornalismo compartilhado*. O esforço é se inserir no desafio de compreender, numa terra de seres encantadas/os, que narrativas e que jornalismo dariam conta desse imaginário tão imenso?

Uma tentativa de responder pragmaticamente a essa temática é a inserção da disciplina *Jornalismo Literário* na formação de jornalistas, a partir da prática de reportagens de profundidade, com técnicas literárias e de imersão, para constituir um campo narrativo para a cidadania, com a pluralidade de vozes e de sentidos no jornalismo.

A nossa experiência em formar jornalistas narradores/as, revela primeiro a importância de os/as estudantes narrarem sua própria história, para se legitimarem como narradores/as da vida, e das histórias das outras pessoas. Temos feito isso na UFG, há dez anos, por dentro da disciplina de *Jornalismo Literário*, quando estudamos as técnicas literárias da narrativa para contar histórias reais. Temos feito isso inspiradas em Gabriel Garcia Marquez, em Domitila Chungara e, em tantos/as narradores/as de nossa /América Latina.

Esse processo porque passam estudantes e docentes quando experimentam ser narradores/as, autores, quando resgatam a força da palavra para construir imagens, cenas, diálogos permite conquistar o milagre que só quando nos tornamos narradores é possível: constituir a experiência a partir da narração, conforme Walter Benjamin. E com isso, descobrem que as narrativas são plurais, que uma narrativa pode ter muitas vozes, muitos/as narradores/as.

Dessa forma, a construção de um processo comunicacional jornalístico baseado na formulação de uma narrativa que não se atenha somente à voz do profissional jornalista, mas sim das vozes dos sujeitos participantes do fato, é imprescindível. É necessário que o compartilhar esteja em ação, e assim, o jornalista



juntamente com os indivíduos que se envolvam nos discursos veiculados, passem a trabalhar em conjunto, a construir, juntos, a comunicação, de modo compartilhado e íntegro.

Os projetos de produções jornalísticas do curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG tornam-se um claro exemplo da tentativa de se constituir este tipo de jornalismo compartilhado e prática de outras narrativas jornalísticas. Este jornalismo, que evidencia as minúcias do mundo e carrega junto de si a atividade do compartilhar, do enunciar e do disseminar, constitui parte da rotina dos estudantes da UFG.

A Magnífica Mundi tem proporcionado isso aos alunos, jornalistas que no futuro poderão servir à população e a um projeto de cidadania e democracia. Durante as apresentações no Congresso de Epistemologias do Sul, pudemos compartilhar o trabalho que tem sido feito na Universidade Federal de Goiás, na Faculdade de Informação e Comunicação. Isso nos permitiu ampliar nossa visão sobre a importância do que é atuar em um projeto de extensão como esse e reforçou o espírito crítico tão necessário para constituir narrativas que possam reencantar o jornalismo.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CÁCERES, Jesús Galindo. 2004, p.22

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SANTOS, Boaventura Sousa. 2008

U KURURU. *Jornal Laboratório do curso de Jornalismo da UFG*, 1988.